

ORPHEU E PRESENÇA NO DESENVOLVIMENTO DO MODERNISMO PORTUGUÊS


ORPHEU AND PRESENÇA IN THE DEVELOPMENT OF PORTUGUESE MODERNISM

João B. Rodrigues 

Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD
Vila Real, Portugal
jbarto@utad.pt

Ana Beatriz M. A. R. Veiga 

Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD
Vila Real, Portugal
veigabeatriz1@gmail.com

Bruna F. E. da Costa 

Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD
Vila Real, Portugal
brunacosta2000@live.com.pt

Maria F. A. Monteiro 

Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD
Vila Real, Portugal
francisca10-2001@hotmail.com

Resumo. Num contexto em que os ideais da época sofriam transformações, dá-se a rutura com o passado e desponta o movimento Modernista. É neste período de conturbação que irrompem as revistas “*Orpheu*” e “*Presença*”. Vinculados a estas revistas surgem nomes como Sá Carneiro, Almada Negreiros e Fernando Pessoa, que perpetuam esta mudança. O Modernismo vem edificar a mudança a nível da arte e da literatura, onde é privilegiada a imaginação do artista: o modernismo tende a representar-se como um movimento marcado pela sua rutura em relação às expressões artísticas do passado. Pelo facto deste movimento se ter prolongado na segunda república e atravessado o Estado Novo, a liberdade de expressão foi necessariamente condicionada, de acordo com os pressupostos ideológicos do regime. Perante este clima de subjugação e de repressão Cultural, surgiram neste período importantes figuras pertencentes às gerações anteriores que, mais tarde, deram voz aos movimentos intelectuais e que foram a base do progresso do Modernismo Português. Estes movimentos intelectuais reacionários foram de organização privada, onde através do lançamento de revistas foram introduzidas inovações no país. Todavia, este pensamento não teve o alcance esperado, em parte, consequência de um baixo nível de alfabetização de um País rural e conservador.

Palavras-chave: modernismo; *Orpheu*; *Presença*; renascença portuguesa; revista; arte.

Abstract. In a context where the ideals suffered transformations, a rupture with the past occurs and the Modernist movement happens. It's in this troubled period that the magazines “*Orpheu*” and “*Presença*” emerge. Linked to this magazine arise names like Sá Carneiro, Almada Negreiros and Fernando Pessoa, which immortalize this transition. The Modernism edifies the shift at the levels of art and literature, privileging the artist's imagination. Modernism tends to define itself as a movement marked by the detachment to past artistic expressions. Due to the fact that this movement had its continuation during the Estado Novo, freedom of speech was compromised. Before these cultural oppressive conditions, people who belonged to previous generations began to arise, they would later give voice to the intellectual movements and become the founders of Modernismo Português. These reactionary intellectual movements originated from a non-governmental source, through the release of magazines innovations were introduced to the public. However, these ideologies did not reach as many people as they'd hope due to the low level of alphabetization in a rural and conservative country.

Keywords: modernism; *Orpheu*; *Presença*; renascença portuguesa; magazine; art.

INTRODUÇÃO

É inegável a importância da aparição das revistas *Orpheu* e *Presença* numa época em que os ideais em que a sociedade se baseava sofriam modificações de acordo com a Modernidade. Portugal procurou inserir-se no ritmo Europeu e conseqüentemente expandir-se a nível cultural. Contudo, encontra-se este país imergido “num tempo histórico retrospectivo, depressivo no sentido da autoestima ultramarina nacional (...) Mais profunda ainda e significativa podemos ver, então, sua intervenção, sua força revolucionária e subversiva” (Johansson, 2015, pp. 116-117).

Esta tentativa de aproximação à Europa deu-se, particularmente, no contexto artístico, através de manifestações estéticas herdadas do legado simbolista. Este contexto histórico contribui, portanto, para uma melhor compreensão dos movimentos de vanguarda e da sua ligação intrínseca com o Modernismo Português.

A atuação do Modernismo em Portugal dá-se num contexto de renovação e são exemplos de tal a queda da Monarquia e a proclamação da República. É igualmente com a atuação da influência Modernista e com a conseqüente influência das revistas que vão surgindo que são retomados temas perdidos. O espírito Nacionalista e crítico do povo Português é reaceso.

É de notar da mesma forma a importância destas revistas ao nível da literatura, e, inclusive, da criação estética. Rompe-se com o Tradicional e adere-se ao Moderno. Surgem nomes como Sá Carneiro, Almada Negreiros e Fernando Pessoa, que perpetuam esta mudança.

O Modernismo Português, imerso num tempo histórico retrospectivo, depressivo no sentido da autoestima ultramarina nacional, foi essencialmente introvertido, solitário vivente de uma ausência de forças para quem pudessem refletir ou com quem trocar desafios e estímulos por uma renovação cultural nacional. Talvez por isso, tenha um traço de perfil mítico relativamente depressivo. Mais profunda ainda e significativa podemos ver, então, sua intervenção, sua força revolucionária e subversiva, também dialética, ao considerarmos sua carência de apoio, sabendo de sua efemeridade e solidão.

CONTEXTUALIZAÇÃO: O SURGIMENTO DO MODERNISMO EM PORTUGAL

O Modernismo Português inicia-se por volta do princípio do século XX e termina no fim do período do Estado Novo, na década de 70. A evolução do Modernismo em Portugal insere-se e coincide com alguns acontecimentos importantes a nível Mundial, nomeadamente a Revolução Russa de 1917, o ano de 1914 foi marcado pelo avanço da Primeira Guerra Mundial, e o de 1911, assinala a eleição do primeiro Presidente da República português. No início deste século, a produção literária ainda surge como subsidiária do Classicismo Racionalista e Naturalista, sem qualquer visão inovadora. Todavia, o Modernismo surge assinalando a rutura de paradigma na produção e na atuação literárias, definidas pela imaginação e pela originalidade baseadas no intelecto: “o modernismo (...) tende a representar-se como um movimento marcado pela sua rutura em relação às expressões artísticas do passado” (Guimarães, 1994, p. 9). Foi, de facto, uma resposta ao decadente Realismo, influenciado por doutrinas como o Romantismo e o Simbolismo, ainda que recuse a postura sentimentalista excessiva.

Pelo facto deste movimento se ter prolongado e atravessado o Estado Novo, a Liberdade de Expressão foi necessariamente condicionada, de acordo com a mentalidade da época. Deste modo, os interesses materiais Burgueses sobrepunham-se aos interesses Culturais. Perante este clima de subjugação e de repressão Cultural, começam a surgir neste período importantes figuras pertencentes às gerações anteriores que, mais tarde, deram voz aos movimentos intelectuais e se tornaram a base do progresso do Modernismo Português. Estes movimentos intelectuais reacionários partiram de iniciativas privadas, onde através do lançamento de revistas foram introduzidas inovações no país. Todavia, este movimento não teve o alcance esperado, por razões várias, entre as quais se identifica o baixo nível de alfabetização de um País rural e profundamente conservador.

Este movimento histórico teve, apesar de tudo, uma grande importância para a Cultura Portuguesa cujos efeitos se refletem ainda nos dias de hoje, quer na área da Literatura, da Pintura, da Arquitetura e de muitas outras áreas da Cultura, “– e os ismos que do seu âmago¹ brotaram –“(...) representam o resultado de uma revolução complexa (...)” (Guimarães, 1994, p.10). Alguns dos requisitos determinantes do Modernismo foram a liberdade formal, a aplicação da linguagem coloquial e o frequente emprego da ironia. Este movimento foi sobretudo marcado por dois grandes momentos, sendo que o primeiro surge em 1915 e diz respeito à primeira publicação da notável revista *Orpheu*, e o segundo surge em 1927, com a fundação da revista *Presença*.

Nos começos do século, a época Modernista originou uma “crise epistemológica” sobretudo entre as personalidades que se envolveram diretamente neste movimento. Causada pelo choque das novas perspetivas e dos novos sentidos avivados com os valores ético-morais da época, temos como exemplo sacrificante desta crise um dos pioneiros deste movimento, Mário de Sá de Carneiro, que acaba por se suicidar em Paris no ano de 1916.

A RENASCENÇA PORTUGUESA

A Renascença Portuguesa representa um dos primordiais momentos do Modernismo Português. Manifestou-se como sociedade cultural no ano de 1912 e os seus integrantes pretendiam a propagação das suas convicções Modernas, assim como a fruição da República em Portugal e a conseqüente queda da Monarquia. Sediada no Porto, esta sociedade era constituída por nomes proponentes como Teixeira de

¹ Liberdade a nível estrutural, libertação rítmica, ausência de rima e verso livre.

Pascoaes², Leonardo Coimbra³, Augusto Casimiro, António Carneiro, Álvaro Pinto, Augusto Martins, Cristiano de Carvalho e Jaime Cortesão. Esta notável corporação teria já participado em iniciativas locais no domínio da cultura, arte e educação, a título de exemplo a revista *Nova Silva*, publicada em 1907; e a fundação dos “Amigos do ABC”, associação pedagógica, instituída com o objetivo promover a alfabetização operária.

Tendo também como associados Mário de Sá Carneiro e Fernando Pessoa, mais tarde figuras centrais da geração *d’Orpheu*, e José Régio e João Gaspar Simões, posteriormente presencistas, este projeto visava alcançar as massas Portuguesas, de modo a perturbá-las e inquietá-las com a multiplicidade Modernista. De modo a que fosse possível atingir o maior público possível, o núcleo Nortenho procurou conexões em muitas outras regiões do país, conseguindo até alcançar o outro lado do Atlântico - “A formação da Renascença Portuguesa em 1912 foi precedida de interessante correspondência com alguns escritores brasileiros, quer para a formação dum Comité no Rio de Janeiro, quer para a formação dum ponderado intercâmbio que estabelecesse um conhecimento mais amplo das atividades dos dois países. *A Águia* divulgou constantemente produções brasileiras e a Renascença editou algumas obras de escritores do grande continente sul-americano” (Pinto, 1937, p.49). Esta sociedade atuou de diversas formas⁴, promovendo diversas iniciativas nos domínios da cultura, da educação e da arte, todavia, o método que mais se evidenciou foi o lançamento da revista *A Águia*.

A alteração de regime político era vista, pelos “Renascentistas”, como a conjuntura adequada para modificar a sociedade Portuguesa, uma comunidade ultrapassada e arcaica até então assente nos princípios Românticos, que se apresentava apartada dos restantes países Europeus. Por este motivo, para além de ter representado o primeiro momento do Modernismo, a Renascença Portuguesa evidenciou, também, o primeiro instante da que viria a consistir na nova República Portuguesa. A fase da Renascença Portuguesa acabou por ter fim em 1928, em decorrência da falta de liberdade de expressão e da censura do regime Salazarista, chacinando a esperança do Liberalismo e de uma nova República Portuguesa.

Para se perceber o alcance e os ecos do gigante projeto que foi a Renascença Portuguesa, basta recordar o emblemático episódio ocorrido, bastantes décadas mais tarde, a seguir ao 25 de abril de 1974, a Revolução dos Cravos, com o renascer das cinzas do significativo Movimento então designado - Nova Renascença - cujo representante foi José Augusto Seabra⁵. A Nova Renascença tinha como finalidade imortalizar o legado da antiga associação republicana Portuense, renovando e continuando a lutar pelos interesses da mesma.

A GERAÇÃO D’ORPHEU

Lançando a sua primeira edição no ano de 1915 e correspondendo à primeira fase do modernismo português, *Orpheu* constituiu a primeira notável demonstração de caráter Progressista em Portugal. Tendo Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, Amadeo de Souza Cardoso, Raul Leal, Luís Montalvor, Guilherme de Santa Rita e o Brasileiro Ronald de Carvalho como alguns dos seus mais prestigiados integrantes, tratava-se de uma revista onde os diversos membros constituintes publicaram as suas primeiras obras de contestação à velha ordem, nomeadamente poemas:

No *Orpheu*, corrente ou revista, não havia chefes nem mestres. É costume, de vez em quando, atribuir uma chefia ou a Sá-Carneiro, ou a mim, ou a nós ambos. Isso, porém, não é exacto. Nenhum de nós se propôs ser chefe de qualquer coisa ou influir, em estilo de chefe, sobre os outros. Tanto eu como Sá-Carneiro éramos individualistas absolutos – Sá-Carneiro instintivamente, eu com instinto, inteligência e tudo. Nenhum de nós admitiria sequer aquilo que há de antipático em toda a chefia – a invasão da personalidade alheia pela nossa, a perversão, pela sugestão, da liberdade que cada um tem de ser quem é (Pessoa, 1986, p. 69).

Tinha como objetivo arrancar as raízes da cultura Romântica e Burguesa entranhadas na sociedade Portuguesa e incorporar as mais recentes tendências vanguardistas, os intitulados movimentos dos “-

² Influenciou esta sociedade com as suas noções Saudosistas.

³ Os seus pensamentos Criacionistas tiveram repercussão por entre esta sociedade.

⁴ Desde conferências e reuniões a revistas e livros.

⁵ 1937-2004

ismos”⁶, e consequentemente provocar o escândalo. Passava pelo Orphismo, num primeiro instante, a responsabilidade de incluir Portugal no campo cultural ao nível da Europa.

Por “Orpheu” entende-se umas vezes a revista com aquele nome, de que saíram só dois números, em março e junho de 1915; outras vezes os que estiveram ligados a ela, ainda que como simples espectadores próximos ou amigos, e sem que nela influíssem ou colaborassem (...) (Seabra, 2003, p. 422).

Orpheu representou, desta forma, um alicerce para o Modernismo na história Portuguesa, apesar das suas únicas duas publicações. Deste modo,

falar de Orpheu é falar de acontecimentos que duraram pouco tempo, de figuras que morreram cedo, de obras que ficaram esquecidas, fora da visibilidade pública – e bastaria aqui lembrar o destino de Amadeo ou de Santa Rita, contrapondo-o ao de Almada que, em matéria de exposição pública, configura um caso à parte. Falar de *Orpheu* é falar de fenómenos que deixam terreno aberto e pronto para a mitificação. A breve duração deixa campo de manobra para todas as especulações e interrogações (Castro, 2015, p. 30).

Contudo, nesta primeira fase Modernista em Portugal, o conceito da revista *Orpheu* não provoca uma mudança significativa a nível literário, tendo um maior impacto a nível artístico. Esta manifestação artística de carácter pioneiro propõe uma combinação entre os temas de Tradição Portuguesa⁷ e os temas inovadores do Modernismo. Este insucesso é provocado pelo aparecimento da novidade formal quer a nível literário quer a nível artístico introduzida pela revista. A aposta na Modernidade demonstra, desde logo, o método vanguardista intrinsecamente relacionado com o contexto em que surge.

Efetivamente, ao acrescentar desse menor impacto a nível artístico acontece que, exatamente um ano depois da publicação da primeira edição da revista *Orpheu*, Mário de Sá-Carneiro suicida-se. Após esta perda, *Orpheu* mantém a sua essência e a figura de Fernando Pessoa revela-se essencial no rumo. Deste modo, *Orpheu* não deixaria de ser: “(...) uma geração, um movimento, um momento histórico e um conjunto de recordações e homenagens” (Pizarro 2015, p. 55).

Alguns dos projetos renovadores que durante este período também se destacaram foram as revistas *Centauro* (1916), *Portugal Futurista* (1917), *Contemporânea* (1922-1926) e *Athena* (1924-1925). Ainda assim, em *Orpheu* não deixamos de notar uma revista Modernista, a qual foi pensada e concebida com o propósito de ser um instrumento de “Europeização” do país, pois para além de tentar divulgar ao máximo Portugal detentor com ideias frescas vindas da Europa, também tentou promover e inserir expressões Modernistas Portugueses no seio do Modernismo Europeu. A revista *Orpheu* acabou, no entanto, por ser proibida e o governo passou a controlar as tendências em voga.

Por fim, a revista *Orpheu* é, ainda, introdutória no que diz respeito à revista *Presença*, já que o segundo momento do Modernismo Português se relacionou de forma intrínseca com a mesma. As revistas *Orpheu* e, posteriormente, a *Presença* apresentam-se como direções do Modernismo Português e as consequentes tendências na arte e no pensamento.

A GERAÇÃO PRESENCISTA

A revista *Presença* assinala a segunda fase do Modernismo Português. Fundada em Coimbra no ano de 1927 pelos universitários José Régio, João Gaspar, Edmundo de Bettencourt e Branquinho da Fonseca, foram publicados 54 números da *Presença* entre 1927 e 1940. Regados pela herança do Orphismo, o Presencismo interessa-se em difundir quaisquer novas correntes que surjam e opõe-se ao exclusivo direcional. Promulga uma perspetiva livre e ampla e desassocia a Arte e a Literatura à temática económica, política, filosófica e/ou religiosa, apregoando uma Literatura mais intimista, sobretudo ligada ao experimentalismo. Para além disso, a revista *Presença* possuiu como *modus operandi* apresentar-se com o intuito de ser uma revista de “arte e crítica”, como nos descrevem os autores da investigação “As Direções do Modernismo - Orpheu, Presença, e as tendências na Arte e no Pensamento” (Ribeiro & Rodrigues 2020, p. 48).

Lisboa refere que

⁶ Particularmente o Cubismo, o Futurismo, o Expressionismo e o Dadaísmo.

⁷ Os temas de Tradição Portuguesa são nomeadamente o tema do Romantismo e da Burguesia.

em arte, é vivo tudo o que é original. É original tudo o que provém da parte mais virgem, mais verdadeira e mais íntima duma personalidade artística. A primeira condição duma obra viva é pois ter uma personalidade e obedecer-lhe. Ora como o que personaliza um artista é, ao menos superficialmente, o que o diferencia dos mais, (artistas ou não) certa sinonímia nasceu entre o adjectivo original e muitos outros, ao menos superficialmente aparentados; por exemplo: o adjectivo excêntrico, estranho, extravagante, bizarro... Eis como é falsa toda a originalidade calculada e astuta. Eis como também pertence à literatura morta aquela em que um autor pretende ser original sem personalidade própria (Lisboa, 1984, p. 23).

Os Presencistas apoiavam-se na procura da novidade, no entanto, é ainda significativo referir a sua inspiração e influência na psicanálise Freudiana, caracterizada pelo ganho individual contradizendo o coletivo e privilegiando a razão. A mentalidade Moderna caracterizava-se pelo caminho espiritual e, tendo em vista o rumo à Modernidade, nota-se as publicações do grupo Presença de textos ligados a essas temáticas.

A geração Presencista vem a destacar-se com a restituição de alguns dos colaboradores da revista *Orpheu*, assim como pela associação direta que mantinha com convicções inovadoras vindas da Europa e da América através de autores Internacionais⁸.

Embora as convicções estivessem presentes, o grupo com personalidades como José Régio, Adolfo Rocha, João Gaspar Simões, Miguel Torga e Irene Lisboa não conseguiu continuar face aos tempos conturbados vividos pela Segunda Guerra Mundial.

No fim dos anos 30, e mais agudamente, no fim da Segunda Guerra Mundial, ninguém poderia contentar-se com a literatura como medida do Homem, nem contentar-se com o Homem de Letras como medida da literatura. Exigências de cultura histórica, de ação política, de elucidação filológica, de autenticidade religiosa, de aprofundamento filosófico, de investigação estilística etc., haveriam de tornar obsoleta obstinada (e meritariamente o fora contra os academismos, as graças gratuitas do estilo, e outras gentilezas) orgulhosamente na “intuição” e nos “complexos” (Sena, 1961, p. 49).

Em 1930 surge a primeira divisão no grupo Presencista devido à saída de três dos mais importantes precursores, Adolfo Rocha, Branquinho da Fonseca e Edmundo Bettencourt. Os três letrados justificam o seu afastamento aos restantes membros fundadores manifestando o seu desagrado relativamente à perspetiva de um único tipo de Liberdade, visto que o ideário Modernista se opunha ao exclusivo direcional.

“Presença” deixa envelhecer o seu título, não vê a queda próxima no arcaísmo estático das escolas, e não sente o ambiente mole do ar viciado pelas insofismáveis flores-consideração de adepto para adepto. (...) “Presença” concebe mestres e discípulos com aquela interpretação convencional, em que os mestres fazem lições para os que reputam alunos (...) (Saraiva & Lopes 1996, pp. 1056-1057).

Porém, não foi apenas uma vez que surgiram conflitos entre a Geração Presença, na verdade, dez anos após a rutura com os três intelectuais referidos anteriormente, surgiram mais uma vez desavenças no seio da revista com Gaspar Simões e Casais Monteiro. Este desentendimento acaba mais tarde por, finalmente, proporcionar o fim da revista Presença no ano de 1940. Para além das discórdias geradas entre os membros da revista, a própria foi sempre alvo de críticas e ataques em outros jornais como *O Diabo* e *Sol Nascente*, juntamente com Neo-Realistas que alertavam, no que se refere a Arte, para uma necessidade de responsabilidade a nível político e social que se encontravam ausentes na lista de preocupações Presencistas.

Depois duma ausência de alguns meses, presença reaparece, remodelada. Reaparece num momento histórico tão perturbado, que a alguns parecerá desumanidade, mania, esta prova de atenção e amor às questões da arte, da crítica, da cultura, quando a questão social, a questão política e a questão económica deveriam, segundo esses, absorver todo o interesse de todos (Rocha, 2020, s/p).

⁸ Alguns autores Internacionais que marcaram a Geração Presencista foram Marcel Proust, Guillaume Apollinaire, Jean Cocteau, Max Jacob, Paul Valéry, André Salmon, Luigi Pirandello e Pierre Reverdy.

NEO-REALISMO/NEORREALISMO (1940-1974)

À semelhança dos Presencismo, o Neorrealismo também surgiu em Portugal no contexto conturbado da Segunda Guerra Mundial. Alves Redol, Manuel da Fonseca, Afonso Ribeiro, Mário Dionísio, Vergílio Ferreira, Joaquim Namorado, Fernando Namora, Mário Braga, Soeiro Pereira Gomes e Carlos de Oliveira são alguns dos relevantes representantes deste movimento. Emergiu como uma manifestação contra o Fascismo e defendeu a Literatura como denúncia social. Critica o Individualismo e rejeita o Socialismo Utópico. As revistas *Seara Nova*, *Sol Nascente* e *O Diabo* são exemplos de testemunhos Neorrealistas Portugueses.

A situação do homem era outra, e havia que pensar em servir uma causa que ao escritor se afigurava inseparável do destino da própria literatura. Eis porque a finalidade sem fim da arte apreçoada pela Presença se torna, aos olhos da geração que desponta, indesejável e quase odiosa. [...] Em verdade, enquanto os modernistas da Presença olhavam o mundo de dentro para fora, num subjetivismo a que os aguerridos doutrinários das novas gerações chamariam “umbilical”, os neorrealistas do Novo Cancioneiro olhavam o mundo de fora para dentro. Por isso se diziam realistas, não realistas à maneira dos poetas da Escola Nova, o primeiro surto revolucionário-realista da poesia portuguesa, mas realistas à sua maneira, isto é, novos realistas: neorrealistas (Simões, 1189, pp. 356-357).

O Neorrealismo procurou, desde logo, através da reprodução e conseqüente abundância de jornais e revistas, ser o foco de reivindicações de teor sociopolítico. Esses suportes literários abordavam argumentos e debates que acabariam por se tornar a base dos primeiros pensamentos, de fundo crítico, e das teorias que levariam ao chamado “novo Humanismo”.

Aquilo que no Neo-Realismo se jogava e comprometia era, a um mesmo tempo, uma dada concepção do homem e uma dada aposta no devir histórico, considerado, sobretudo, como decorrente das tensões entre classes sociais [...] [buscando o] equacionamento mais justo e humanizador do problema [...] das relações entre os homens (Serrão, 1927, p. 29).

De facto, este movimento surge como uma espécie de ideologia literária, com base em refletir e discutir sobre a sua arte e a crise do sistema económico e sociopolítico que assolava o país. Para além desta preocupação em comunicar mensagens de carácter crítico face à situação de Portugal, também o Continente Europeu e até mesmo o globo em geral eram alvos de debate e reflexão crítica presentes nesses jornais.

A introdução deste novo movimento desligado de qualquer tipo de artifícios, proporcionou, através da literatura, uma conseqüente transformação na cultura e identidade Portuguesa. Esta identidade marcada pela resistência e pela reivindicação vêm-se sobrepor à segregação ideológica imposta pelo regime Salazarista.

SURREALISMO (1947-1974)

O Surrealismo é, usualmente, considerado a última fase do Modernismo Português. A liberta associação de ideias e palavras é uma das fulcrais particularidades desta manifestação, reafirmando o carácter figurativo e irracional da mesma. Alguns dos seus principais representantes foram António Pedro, José Augusto França, Alexandre O'Neill, Mário Cesariny de Vasconcelos, Natália Correia, Henrique Rasques Pereira, Artur do Cruzeiro Seixas, António José Forte, Fernando Alves dos Santos e Isabel Meyrelles.

Na representação do Surrealismo Português destaca-se a atuação da Geração de *Orpheu*, em especial a de Almada Negreiros⁹. No entanto, é apenas em 1947 que o Surrealismo se impõe em Portugal. Tendo em conta o contexto Português, vivia-se uma República combatida pelos Monárquicos e Conservadores que pretendiam o regresso à Monarquia e que não aceitavam a ação Modernista; ao contrário do que veríamos, posteriormente com a atuação de António Ferro.

⁹ Sobretudo pelas obras precedentes a 1924, visto que era escritor e artista.

Em contrapartida, em 1926 dá-se o golpe militar que derrubou a República imposta e iniciou uma Ditadura, que só veio a ter fim com o 25 de Abril de 1974. Como consequência, nos anos seguintes verificaram-se constantes lutas pela independência de espírito e de expressão, particularmente ao nível da literatura, dado que a censura ameaçava essa liberdade. Só alguns anos depois é que se vêm a verificar algumas melhorias no sentido da liberdade.

Só nos finais dos anos trinta e inícios dos anos quarenta, a guerra ajudou a clarificar os alinhamentos políticos e alguns jovens poetas decidiram fazer frente ao movimento centrado na Presença e ao Neo-Realismo. A neutralidade de Portugal durante a guerra nunca escondeu a sua simpatia pelo fascismo e portanto, estar ao lado dos Aliados era defender a liberdade, a arte e a literatura (Cameira, 2013, p. 289).

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

É de facto notório que o Modernismo em Portugal surge num contexto de renovação política e social. Desta renovação são exemplos a queda da Monarquia e a proclamação da República. A atuação do Modernismo procurava inserir o país nas tendências artísticas Europeias e, consequentemente, proporcionar uma: “metamorfose total da imagem de Portugal” (Johansson, 2015, p. 117). São retomadas antigas discussões sobre a grandiosidade da Nação, que se perdem com o começo do declínio da Renascença. Além disso, os Modernistas também contribuíram no que diz respeito à literatura, com a novidade da criação estética. Neste sentido passam a ser cultivados temas inseridos na novidade, enquanto as linhas Tradicionais da lírica portuguesa são postas de lado. Estas revistas vêm alterar, desta forma, o modo de pensar e a arte.

O clima revolucionário que se fazia sentir no país repercutiu-se nas revistas *Orpheu* e *Presença*, que marcaram este movimento. Por sua vez, o *Orphismo* deu-se como uma espécie de ação revolucionária enquanto a *Presença* foi vista como uma contrarrevolução. Este termo explica-se tendo em conta a ideia de afirmação da importância do academismo e, consequentemente, a criação artística resultante do mesmo. O Presencismo revela-se, desta forma, como uma espécie de escola.

Assim, o movimento Modernista proporcionou um crescimento ao nível da arte e do pensamento, resultando numa estética construtiva. Mais se acrescenta que o Modernismo e a sua atuação por parte das revistas *Orpheu* e *Presença* procuraram introduzir novos métodos e formas de pensar. Contudo, as obras resultantes dos autores aderentes ao Modernismo Português, figuras estas abordadas neste artigo, não foram lidas em tempo hábil mas apenas mais posteriormente, não atingindo o público pretendido mas sim mais recente, como por exemplo: Fernando Pessoa, Almada Negreiros, entre outros. É privilegiada a intuição e o homem Moderno passa a ser sinónimo de busca por si mesmo, pelo conhecimento e pelo sonho: “nostalgia intemporal de paraísos perdidos ou futuros e a celebração dos tempos novos de beleza e fascínio desconhecidos dos antigos” (Johansson, 2001, p. 117).

REFERÊNCIAS

- Cameira, M. J. (2013). O Surrealismo Português, um movimento tardio, mas singular. *Polissemia revista de letras do ISCAP*, 13, 285-295. <https://doi.org/10.34630/polissema.v0i13.3035>
- Fernandes, C. C. S., & Valadares, F. B. (2015): “Miguel Torga: A raiz construída e desconstruída - uma análise dos contos Mago e Vicente. *In e-escrita, Revista do urso de Letras da UNLABEU*, 6(3), 154-158.
- Fitzgibbon, V. C. (2013). Estado e resistência cultural: o caso do Neorrealismo português. *Dossiê: Literatura Infantil e Alteridade no Mundo Lusófono*, 09, 2.
- Guimarães, F. (1994). *Os Problemas da Modernidade*. Lisboa: Editorial Presença.
- Johansson, M. C. (2015). *O Modernismo Português e o Modernismo Brasileiro: questões de identidade literária e sociocultural*. (Dissertação de Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas). Lisboa: Universidade Aberta.
- Modernismo. Internet. Disponível em <https://modernismo.pt/index.php/r/741-renascenca-portuguesa> (consultado em 2020-12-30).
- Pessoa, F. (1993). A campanha Modernista – “Orpheu”, Sensacionalismo e Futurismo - I Textos de Fernando Pessoa em seu próprio nome. *Textos de Intervenção Social e Cultural – a Ficção dos Heterónimos*, 69. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4207/1/TMLCP_JohanssonMaurienne.pdf
- Ribeiro, A., & Rodrigues, J. B. (2020). As Direções do Modernismo - Orpheu, Presença, e as tendências na Arte e no Pensamento. *Revista Europeia de Estudos Artísticos*. 11(2), 40-51. <https://doi.org/10.37334/eras.v11i2.230>
- Rocha, C. (s.d). Modernismo. Internet. Disponível em <https://modernismo.pt/index.php/p/727-presenca>

(consultado em 2020/12/30).

Sena, J. (1960). Ensaio de uma Tipologia Literária. *Diário de Lisboa*, 9 de fevereiro de 1961, p. 18.

Simões, J. G. (1970). O Revolucionarismo do Orpheu e o Contra Revolucionarismo de presença. *Diário Popular – Suplemento Literário* nº 708, Ano XXIX, 1-3.

Pessoa, F. (1986). A Campanha Modernista – “Orpheu”, Sensacionismo e Futurismo – I Textos de Fernando Pessoa em seu Próprio Nome. In *Textos de Intervenção Social e Cultural – a Ficção dos Heterónimos* (pp. 65-78). Lisboa: Publicações Europa-América.

Seabra, J. (2003). *História da Literatura Portuguesa*. Lisboa, Publicações Alfa.